

ANTONIO LINO

A SANDÁLIA  
DE LAMPIÃO

**Vencedor do 4º Prêmio Objeto Brasileiro**

Museu A Casa | 2014 | Categoria texto

ANTONIO LINO

# A SANDÁLIA DE LAMPIÃO

**Vencedor do 4º Prêmio Objeto Brasileiro**

Museu A Casa | 2014 | Categoria texto

Tudo em volta era a noite. Ao longe, de alguma grota no mato, vez ou outra se ouvia um mugido. Dentro da choupana, uma lamparina acesa manchava o escuro. O terno de couro descansava, pendurado na parede de barro, pronto e completo para pegar boi no dia seguinte. Sobre um cavalete de madeira, o vaqueiro terminava de costurar os detalhes de uma sela.

Foi quando soaram passos no terreiro. Junto com o tilintar de argolas e moedas, uma catinga de suor veio se aproximando da oficina. Não demorou até que um jagunço aparecesse à porta, trabuco a tiracolo, todo encouraçado. Dos cumprimentos, sem volteio, foi logo ao assunto:

– O senhor sabe fazer sandália?

Raimundo sabia fazer todo tipo de equipamento de couro: sela, cangalha, marra de chocalho, gibão, perneira, guarda-peito, chapéu e tudo o mais. Além das peças que ele próprio usava na lida com o gado, atendia qualquer que fosse a encomenda dos vaqueiros, ciganos e tropeiros que viajavam do sertão dos Inhamuns ao Juazeiro do Padre Cícero. Sua predileção, no entanto, era a sela, sua arte maior. Por toda a região, era conhecido e reconhecido como tal: o Raimundo Seleiro. Mas como não gostava de deixar freguês na mão, ainda mais freguês armado, o vaqueiro-artesão parou de costurar os arremates na sela, pegou o molde de papel que o cabra tirou do alforje, avaliou aquele desenho todo amassado, e acabou aceitando o serviço:

– De hoje a 29 dias, pode voltar que a peça tá pronta.

No prazo combinado, o jagunço voltou. Raimundo entrou, vasculhou a bagunça num canto da oficina, e logo saiu para fazer a entrega:

– Tome sua sandália.

Foi só então que o comprador, já desembolsando seus vinténs, revelou o verdadeiro cliente:

– Não, essa sandália não é pra mim não. É pro Coronel Virgulino.

Na mesma hora, Raimundo recusou o dinheiro. O jagunço ainda fez questão, insistiu no pagamento. Mas o artesão foi categórico:

– É cortesia.

Nos anos seguintes, aquele molde de papel permaneceu dobrado e esquecido dentro da maleta de couro em que Raimundo guardava suas ferramentas. O desenho nunca teve proveito para outras encomendas. Diferente das chinelas comuns, a sandália desenhada por Lampião tinha o solado retangular.

É que naquela época, a mando dos fazendeiros, os melhores rastejadores do sertão atravessavam rios, escalavam pedras e varavam espinhos no calço dos cangaceiros. Diante daquelas pegadas quadriláteras, no entanto, sendo a parte da frente igual à parte de trás, os rastejadores se confundiam, sem saber ao certo se o bando ia ou voltava.

Com essas e outras astúcias, Lampião foi despistando seus perseguidores. Até que, em 1938, deu seus últimos passos em Angicos. Decapitado

pela volante do tenente Bezerra, o rei do Cangaço, no entanto, continuou moço e saudável na boca do povo. Nem o tempo calou sua fama: no rastro dos anos, se passaram muitas décadas. Os casos de heroísmo e crueldade cresceram e se espalharam, de relato em relato. E eis que hoje, no município de Nova Olinda, aos pés da Chapada do Araripe, lembrando o episódio que ouviu de seu pai quando menino, quem conta a história da sandália quadrada de Lampião é um senhor grisalho: o filho mais velho de Raimundo – o Mestre Espedito Seleiro.

Em sua oficina, entre ferramentas espalhadas e peças inacabadas sobre a bancada de madeira, o artesão chanfra as bordas de um pedaço de couro. O pé de ferro serve de apoio. A mão grossa é precisa nos cortes. Enquanto trabalha, volta e meia rabiscando o gume da faca na pedra de amolar, com a camisa amarela desabotoada, de óculos espessos sobre o nariz e bigode fino sobre o lábio, Espedito Veloso de Carvalho explica que herdou o ofício de Raimundo, seu pai, que por sua vez herdou de Manoel, seu avô: todos seleiros, na profissão e na alcunha adotada como sobrenome. Modelando pe-

ças de couro, o Mestre Espedito Seleiro se firmou como um dos mais importantes e reconhecidos artesãos em atividade no Brasil. Assim se mantém a tradição familiar: atualmente, atendendo a encomendas de todo o país, a manufatura doméstica é composta por seis filhos, três irmãos, uma nora e outros três rapazes da vizinhança, contratados como aprendizes. A pequena Raíssa, netinha de Seu Espedito, passeia com seu vestidinho rosa pra lá e pra cá, atenta a tudo. Até que ganha do avô um fio de couro e uma tira com vários furos, e senta sobre a mesa para brincar de costurar:

– É o que eu já disse pra você: casa de pai, escola de filho – ensina o mestre.

Seu Espedito se iniciou nas lições do couro aos oito anos. Daquele tempo de infância, guarda uma foto de sua primeira comunhão. No retrato em preto e branco, ao lado da irmã, o menino franzino segura uma vela acesa. Nos pés, as alpercatas de couro novinhas, que o pai fez para ele como presente, por ocasião da cerimônia. Carcomida pelos anos, a fotografia vai desbotando. Na memória, entretanto, Seu Espedito conserva intactas algumas imagens

ainda mais antigas, preservadas em suas cores originais: o artesão lembra muito bem, por exemplo, dos bandos de ciganos desfilando em tropel pelas ruas de Arneirós, seu município natal.

– Era uma sarandagem andando por aí, roubando galinha, roubando farinha... às vezes chegavam numa fazenda e trocavam o cavalo fraco deles pelo cavalo gordo dos outros. A maioria andava esculhambada. Só o chefe que andava todo pronto. Eu ficava admirando aqueles desenhos. Nunca vi gente pra gostar de enfeite que nem cigano.

Hoje, os tais “enfeites” são influências escancaradas no estilo que consagrou o Mestre Espedito. A estética dos ciganos, com seus volteios vibrantes, típicos da iconografia andaluza, se misturou ao gosto e à arte dos vaqueiros e cangaceiros. Nesse universo multicultural, o menino foi colecionando inspirações.

Seu Espedito cresceu durante o período final da chamada “civilização do couro”, um dos capítulos mais importantes na história do Nordeste brasileiro. A partir do século XVI, quando o primeiro marruá pôs o casco no país, o sertão se converteu

num grande pasto natural. O gado ruminava solto, lambendo o chão salgado, propício à atividade pecuária. O animal forneceu tração à economia colonial, ora como ferramenta de trabalho dos escravos nos engenhos de açúcar, ora como alimento para as gentes das fazendas e povoados. Entre outras cicatrizes da história, os folguedos tradicionais, até hoje, dão a prova dessa herança...

Em Juazeiro do Norte, por exemplo, na subida da ladeira íngreme e sinuosa que leva os romeiros até a estátua do Padre Cícero, a meio caminho do calvário, no quintal do Mestre Aldenir, o Reisado roda suas cores. Bem ensaiadas, as crianças respondem juntas aos refrões puxados pelo violeiro. O zabumba marca o passo da coreografia, que levanta poeira no chão de terra batida. Zanzando pra lá e pra cá, inquietos, dois meninos com o rosto todo pintado de carvão gritam aboios estridentes:

– Eeeeei boooooooooiiii!

É quando uma rês de pano invade o terreiro. O chocalho balançando no pescoço: tléim, tléim, tléim! E os olhos esbugalhados, feitos de espelhos. O boi malhado aponta pinotes na direção das

crianças, que desviam com agilidade das chifradas. O Mestre Aldenir então pára a cantoria, para que sejam tomadas as devidas providências:

– Será que aqui tem algum vaqueiro valente pra pegar boi bravo?

Os dois meninos com o rosto pintado de carvão se candidatam ao serviço. O Mestre aprova a dupla:

– Vou mandar tocar um baiãozinho pra vocês pegarem o boi. Pega o boi, moleque!

A viola e o zabumba aceleram o andamento, o ambiente se agita. Ao mesmo tempo em que se protegem das marradas, com cuidado, os pequenos vaqueiros tentam encurralar a fera. Até que um dos meninos, num bote certo, agarra o boi de pano pelos chifres e o derruba no chão, arrancando vivas de todos. Mais uma vez, Mestre Aldenir põe ordem na zoadá:

– Tira essa carniça daí. Pode repartir o boi.

Enquanto o Reisado segue sua folia, com a mão espalhada, os meninos fingem uma faca, e encenam o ato final da brincadeira, retalhando o corpo do boi. Era assim: desembrulhada a carne, o sertão se vestia de couro.

Por escrito, nos seus “Capítulos de História Colonial”, Capistrano de Abreu confirma: “De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água; o mocó ou alforge para levar comida, a mala para guardar roupa, mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz”.

Da criação do gado aos utilitários artesanais, a cadeia produtiva do couro passava necessariamente pelos curtumes. Seu Espedito recorda o tempo em que ajudava o pai, descarnando as peles mortas, e tirando casca de pau-ferro e angico de dentro do mato. Tal como era, a atividade, hoje, está praticamente extinta. Além das multas previstas na legislação ambiental, a concorrência dos curtumes mecanizados desanimou os curtidores de “beijo de

açude”, para usar a expressão do próprio Espedito. No distrito de Genesaré, zona rural do município de Assaré, uma das poucas exceções é Seu Aduino, um dos últimos curtidores tradicionais ativos na região. Em frente à sua casa, se amontoam vários troncos pelados, revelando a vermelhidão interna do angico. Na cozinha, ao lado do fogão a lenha, Aduino senta numa cadeira de bodocó, puxa uma pedra grande e pontiaguda para perto de si, e começa a quebrar cascas de árvore, sob o olhar atento do Mestre Espedito, que observa a cena com um leve sorriso no rosto:

– Também já quebrei muita casca de angico no cacete.

Depois do almoço, por um caminho estreito, de terra, Seu Aduino pedala uma bicicleta sem freio para retomar o expediente no curtume. Ao chegar à margem do açude, se enfia dentro de um tanque cavado no chão, revirando as peles que descansam há semanas na infusão rústica, feita com as cascas quebradas que traz diariamente de casa. Imerso no molho do angico, durante 45 dias, o couro aprende a não apodrecer. Ao mesmo tempo, o caldo vegetal

vai tingindo para sempre as unhas do curtidor descalço. Com os dedos dos pés pintados de preto, Seu Adauto cospe de lado, ajeita o chapéu de feltro, e explica ao Mestre Espedito:

– Agora, trabalho sozinho. Mas já tive três meninos que me ajudavam: dois rapazes e um frangotão. O problema é que, na escola, os colegas começaram a manganhar deles, por causa do cheiro do couro. Diziam que fedia. Aí os meninos desgostaram. E pararam de trabalhar comigo.

Da beira do buraco, com a experiência de quem também já afundou as canelas naquele ofício, Seu Espedito confirma:

– Curtume braçal dá um trabalho do diabo. Se deixar dois ou três dias sem virar o couro no tanque, nem trocar a casca, sai o mau cheiro mais feio do mundo. Couro fedido é preguiça de curtidor.

E não são apenas os ajudantes de Seu Adauto que se afastam pela fedentina do couro mal tratado: pior é a perda da clientela. Vaqueiro nenhum quer vestir um terno cheirando a bife podre. Do beneficiamento da matéria-prima ao esmero no corte e na costura, o nível das exigências é alto. A roupa

serve de armadura contra os perigos pontiagudos do mato. Mas mesmo que seja feita para sofrer arranhões dos espinhos, ainda assim, o vaqueiro não abre mão de seus requintes.

– Se você tem uma fazenda e não compra uma roupa completa pra dar pro vaqueiro, no outro dia ele vai embora, deixa você sozinho lutando com o seu gado. Quando ele tem um sangue de vaqueiro, o que ele gosta mesmo é de andar trajado de vaqueiro. E se você faz uma roupona feia, toda desmontada, mal feita, os outros vaqueiro fica falando.

Seu Espedito conhece bem os caprichos de sua freguesia. Ele mesmo, na juventude, seguindo o exemplo do pai, se dispôs a experimentar o arriscado ofício. Sua carreira sobre um cavalo, no entanto, foi logo interrompida: na primeira vez em que inventou de pegar boi, Espedito levou uma queda que definiu seu futuro profissional. Ao levantar do chão, batendo a poeira do gibão, pegou o chapéu de couro, encaixou novamente na cabeça, e tomou a decisão: daquele dia em diante, nunca mais montaria, mas faria os equipamentos para quem quisesse montar.

A vocação que faltou a Seu Espedito sobrou a Zuca Cunha. Num rancho a trinta minutos do centro de Nova Olinda, sentado no alpendre de sua casa de taipa, o veterano vaqueiro acende mais um cigarro de palha. Seu outro vício é a profissão: dos seus 88 anos de idade, gastou oitenta lutando com o gado. Hoje, Zuca não pega mais boi. Segundo ele, nem cozinhado:

– Prefiro carne de porco e galinha.

Entre uma baforada e outra (“levanto cedo, às 3 horas. E já levanto fumando”), o incansável octogenário enumera as recentes “reformas” em sua saúde: uma cirurgia de próstata, outra de vesícula e mais duas, para a retirada de um par de tumores benignos. Plenamente revigorado, lamenta apenas a fraqueza dos olhos:

– É que a vista não vale mais nem um pequi. Se fosse boa, eu ainda tava por aí, dando pontapé em burro.

Além das costuras hospitalares, Zuca ostenta no corpo cicatrizes mais antigas. Em geral, acidentes de trabalho. Uma perna quebrada, a clavícula fraturada: os ossos do ofício. No auge de sua mocida-

de, entre um percalço e outro (“já tomei marrada de boi, mas vaca nunca deu n’eu”), Zuca conta que encostava a cabeça na orelha do cavalo e galopava, obstinado em pegar a rês, fosse de dia ou de noite, estalando galhos e pulando tocos, os espetos pontiagudos apontados contra si, e as grotas fundas querendo engolir o vaqueiro e a montaria, que rasgavam passagem pelo mato denso:

– Perigo tem demais, ave maria. Tanta ponta de pau pra cara da gente, pro corpo todo, não é assim? O espinho mais valente é o quebra-faca. Tem também o juá, o cansanção... Se passar por uma picada de favela, coça o homem, o burro relincha, as papoca alevanta... fica tudo encarocado. O mato dá até febre ni tu.

Sentado ao lado de Zuca, Seu Espedito aproveitou o testemunho do amigo para explicar a importância do terno de couro completo, bem fechado:

– A perneira tem que estar justa, apertada mesmo. Se fizer folgada, na hora da pega do boi, no mato, o couro dança pro lado e desmantela o osso do joelho. O chapéu é pra defender a cabeça. Além disso, se vier uma ponta de pau perigosa, pega em

cima do guarda-peito e não vai agravar nada do corpo dele.

Ao final da conversa, os dois se rendem à nostalgia:

– A criação de gado diminuiu, não é Zuca?

– Diminuiu sim, é.

– Hoje não tem mais vaqueiro.

– É, os vaqueiro não pega mais boi. De primeiro era cada um com seus cavalão bonito, gordo... Mas hoje tá desse jeito: os vaqueiro tudo de boné, andando de moto...

A industrialização popularizou novas montarias no sertão. Os cavalos de ferro, movidos a cilindradas ou pedaladas, passaram a dispensar a sela, o gibão e o chicote. Nas últimas décadas, além das motos e bicicletas, muitas outras novidades foram sendo despejadas no mercado e na cultural local. No documentário “Viva Cariri”, produzido em 1969, o diretor Geraldo Sarno retrata o fenômeno numa cena magistral: em meio ao movimento de uma feira livre, um sertanejo se agacha de cócoras sobre uma esteira em que estão dispostas várias sandálias coloridas. Pegando uma delas, embalada dentro de um saco plástico transparente, o homem

abre a palma da mão para medir o tamanho do solado. A câmera enquadra o comprador de viés, a aba do chapéu de couro escondendo seu rosto. Um jingle de rádio cobre a sequência, funcionando como trilha sonora. Ao final do reclame, com seu sotaque pomposo de profissional da voz, o locutor enumera os atributos do produto: “Sandálias Tamico agora tem nova palmilha, perfumada, anti-derrapante, que não quebra, não encolhe e nunca deforma”.

Obra-prima do cinema documental brasileiro, o filme de Sarno ilustra de modo eloquente as profundas mudanças que se aceleraram a partir da década de 60, quando um surto desenvolvimentista se alastrou pelo Cariri. Beneficiadas pelos incentivos fiscais concedidos pelo governo militar, e pelos convênios técnicos firmados entre universidades nacionais e estrangeiras, fábricas de médio e grande porte foram atraídas para a região. Atualmente, nas feiras de rua e nas prateleiras das lojas, as sandálias Tamico ganharam novos nomes e modelagens: Rider, Grendha, Ipanema, Melissa... todas marcas associadas à Grendene, empresa que conta com três filiais no Ceará, uma delas no Bairro Franca Alen-

car, município do Crato. A produção é ininterrupta: funcionários uniformizados com camisa pólo azul revezam-se, dia e noite, obedientes ao apito que demarca seus turnos. Acuado diante da indústria, o artesanato se refugia em pequenas oficinas. Como única alternativa ao fechamento, buscando fazer frente à concorrência dos calçados de plástico, as fabriquetas que ainda trabalham com couro no Cariri (hoje, o terceiro maior polo calçadista do Brasil) se apressam para aumentar seus volumes e diminuir seus preços.

No município do Crato, por exemplo, depois de levantar a porta corrediça da “Sertaneja”, Adriano Cardoso pára logo à entrada de sua empresa para mostrar a planta, emoldurada na parede, desenhada com o apoio do Sebrae:

– Remodelamos todo o layout do artesanato. A gente se adaptou ao sistema industrial mesmo. Mudamos o esquema, tem essas fileiras agora. Cada setor faz uma coisa: as alças, a parte de cima, de baixo, o solado, o acabamento. A única diferença pras fábricas grandes é que aqui não tem esteira. Quem roda são os funcionários, não os sapatos.

Além da setorização da produção, a aquisição de máquinas como o “balancinho”, que corta os pneus usados no formato das solas, entre outras adaptações gerenciadas por Adriano, já contabilizam resultados:

– Quando a gente fazia tudo isso na mão, com doze pessoas, a gente produzia dez dúzias por mês. E a carga horária era de sapateiro, das cinco da manhã às dez da noite. Hoje, com esse sistema, a gente produz cento e sessenta dúzias por mês, com cinco pessoas, no horário comercial. Trabalha menos e produz mais.

Ao mesmo tempo, enquanto os sapateiros locais apertam o passo, correndo atrás de escala e redução de custos, a produção vai perdendo os requintes do trabalho manual. O bordado, por exemplo, uma técnica que os aprendizes levavam em média dois anos para dominar, foi abolido dos modelos da Sertaneja. Para explicar o procedimento abandonado, martelando a ponta de um marcador de ferro, Adriano vai imprimindo uma série de riscos milimetricamente próximos uns dos outros, tangenciando toda a borda de uma palmilha de couro:

– Isso é como se fosse a impressão digital do artesão. Na adolescência a gente brincava pra ver quem bordava mais rápido. Tem alguns que vai bordar bem juntinho, outros mais em pé, outros meio torto. Cada um tem um jeito, cria seu estilo. Mas hoje em dia teve que tirar tudo isso aí. Tem que diminuir o que dá dificuldade pra gente produzir mais.

Além de Adriano, muitos outros artesãos tem encontrado no “industriano” um caminho de sobrevivência. Seu Espedito, ao seu modo, também não passou incólume pela derrocada da civilização do couro. Hoje, ao passear pela feira de Assaré, terra do Patativa, ao lado de Dona Francisca, sua esposa, desinteressado pelas tendas que vendem todo tipo de badulaques de plástico, e abafado pelo volume dos alto-falantes, que anunciam ofertas imperdíveis nas lojas de móveis e eletrodomésticos, o avô coruja busca entre as barracas de roupa algum presente para a sua netinha, enquanto lembra daquele que considera o período mais difícil de sua trajetória:

– Aqui no Assaré era um lugar que a gente vinha e vendia tudo quanto trazia de peça de couro... a gente vendia tudo, porque o pessoal daqui que não

tivesse um chapéu de couro não era considerado do Assaré. Quando diminuiu o vaqueiro, o cigano, o tropeiro, o cangaceiro, aí acabou aquela venda.

Apontando para os pilotos sobre duas rodas que circundam a praça, ele completa:

– Taí a prova: todo mundo andando de moto. E vai comprar um gibão pra andar de moto? Vai comprar um chapéu de couro pra andar de moto?

Agravando a crise financeira que já abalava o negócio da família, Espedito perdeu o pai, em 1975. O filho mais velho “aguentou a barra”, ocupando o topo da hierarquia da casa, lugar até então honrado por Raimundo. Sabendo do “sufoco medonho” pelo qual passavam os Veloso de Carvalho, alguns atravessadores nas feiras barganhavam preços abusivos, com os quais Espedito e Francisca acabavam concordando, na base do melhor-pouco-do-que-nada. A família ainda resistiu à pindaíba por vários anos, tirando o ordenado doméstico principalmente de um açougue e de uma bodega, já que a oficina era cada vez menos procurada. Cogitando fechar o ateliê e se dedicar apenas aos outros negócios, mais rentáveis, nessa época Espedito deu a si mesmo um

ultimato. E começou a “puxar pelas ideia”, para reinventar sua arte em couro:

– Pensei assim: vou procurar um estilo pra mim mesmo, um estilo só meu e vou continuar. Se não vender bem, aí eu vou ter que parar.

Foi quando um pedido atípico bateu à sua porta. Como naquela noite remota, em que Raimundo Seleiro recebeu a inesperada visita de um jagunço, muitos anos depois, já na década de 80, Seu Espedito também se surpreendeu diante da inusitada encomenda que vieram lhe trazer:

– O senhor se atreve a fazer uma sandália igual a de Lampião?

Desta vez, o comprador era um velho conhecido: o músico e pesquisador Alemberg Quindins, neto do finado Neco Trajano, um bem sucedido comerciante de rapadura, e dono da primeira fazenda de Nova Olinda. Ainda criança, Alemberg ganhou notoriedade entre os moleques de sua geração por ser o criador do “cinema de sombras”, montado numa caixa de madeira com bonecos Gulliver. Ele mesmo fazia os cartazes, a trilha sonora, o roteiro. E cobrava dos colegas dez palitos de fósforo como ingresso.

Sua pródiga imaginação encontrava matéria-prima de sobra pelos quintais da vizinhança: desde menino, Alemberg se acostumou a tropicar em ossos fossilizados – eram os restos mortais dos dinossauros que um dia já voaram pelo Cariri. O chão comprova: ali, ao sul do Ceará, numa área reconhecida em 2006 pela Unesco como Geoparque do Araripe, além dos pterossauros petrificados, muitas rochas estão carimbadas com pinturas rupestres e com a marca de peixes extintos e artrópodes marinhos (sim, tudo indica que o mar virou sertão). Misturados às relíquias pré-históricas, os cacos de cerâmica indígena contam da presença dos Kariris na região, povo que moldou seus potes e sua cultura naquele oásis sertanejo. Com o advento da pecuária, e dos vaqueiros que vieram a galope atrás dos bois, os índios foram perdendo, na marra, o seu território original. Os tropeiros passaram a conectar os povoados, levando e trazendo notícias e mercadorias. Em Nova Olinda, na antiga propriedade do avô de Alemberg, uma tapera encruzada, sem paredes laterais, servia como rancho de comboieiro, para o

descanso dos vaqueiros que viajavam com as suas manadas.

Há muitas décadas, o gado já não passa mais ali. A fazenda de Neco Trajano permaneceu abandonada por vários anos. Nesse período, a velha tapera foi ganhando fama de mal-assombrada. Até que, em 1992, Alemberg e sua esposa, Roseane Limaverde, decidiram salvar a construção da ruína para montar ali um museu. Atraídas pela novidade, as crianças logo ocuparam o espaço: assim surgiu a Fundação Casa Grande, que abriga o Memorial do Homem Kariri.

Reunindo um rico acervo arqueológico e mitológico, acumulado em suas andanças pela Chapada do Araripe, Alemberg erigiu dentro da propriedade rural de seu avô um inovador trabalho sócio-educativo. Da recepção dos visitantes ao empréstimo de livros na biblioteca, da programação da rádio e produção de vídeos para a TV à direção dos espetáculos no teatro (um dos mais modernos e equipados espaços culturais do interior do Brasil): tudo é muito bem feito pela meninada, que administra o dia-a-dia da Fundação, entre uma brincadeira e

outra. Trata-se de uma das mais radicais e bem sucedidas experiências de auto-gestão comunitária já realizadas no país: é a pedagogia da autonomia na prática, há mais de vinte anos, enraizada no sertão do Ceará.

Ao longo do tempo, a Fundação Casa Grande repercutiu, conquistando apoios e prêmios. Dividido entre o trabalho de campo, como arte-educador, e suas crescentes responsabilidades institucionais, Alemberg se viu impelido a cair na estrada, para ampliar o alcance de sua proposta e articular novas parcerias. Numa de suas muitas viagens, entre um compromisso e outro, o músico foi visitar uma mostra sobre o cangaço em exposição num museu do Recife. Entre cartucheiras, mosquetões e punhais, uma peça na seção de vestuário despertou-lhe particularmente o interesse: era uma chinela de couro. Ao voltar para Nova Olinda, saiu da Casa Grande, atravessou a rua principal, bateu na porta da oficina de Seu Espedito, e lançou seu pedido, como um desafio:

– O senhor se atreve a fazer uma sandália igual a de Lampião?

Embora não tivesse o costume de confeccionar sandálias, desiludido com as vendas de seus gibões e selas, o artesão aceitou a encomenda de Alemborg:

– Eu me astrevo.

Coincidindo com sua busca por um novo estilo, aquele foi o gatilho que faltava para a inspiração redentora. Um evento que, como sua famigerada queda de cavalo na juventude, também teria uma influência decisiva sobre os rumos profissionais de Seu Espedito. Sua primeira providência foi recuperar o molde antigo de dentro da mala de ferramentas de seu pai. Desde que Raimundo fizera a sandália quadrada de Lampião, o desenho continuava ali, inútil e amassado. Seu Espedito desdobrou o papel, transcreveu o modelo, completou o que faltava por sua própria conta, incluindo certos volteios com que gostava de enfeitar suas selas e, alguns dias depois, concluiu aquela cópia quase idêntica: a maior alteração foi que, diferente da sandália original, calçada por Lampião, a réplica não tinha o solado retangular.

Nos pés de Alemborg (que, segundo Seu Espedito, “anda mais que burra de padre”), a chinela de Lampião gastou sola pelo mundo, atizando a cobiça

alheia por onde passava. Toda vez que voltava para Nova Olinda, Alembert trazia da estrada novos perdidos de gente que queria um par daqueles, como o seu. Pelos caminhos do boca-a-boca, o trabalho de Seu Espedito chegou ao conhecimento e ganhou a admiração de Dona Violeta Arraes, intelectual influente entre políticos e artistas do Brasil e da Europa. Alguns anos depois, quando o produtor e diretor de cinema Guel Arraes, sobrinho de Violeta, encomendou o gibão de couro que vestiria o ator Marcos Palmeira no filme “O Homem que Desafiou o Diabo”, o nome e a arte de Espedito Seleiro já usufruíam de boa fama entre os famosos.

Na esteira de tanta repercussão, certo dia, um carro estacionou em frente à oficina cuja localização, àquela altura, os turistas encontravam com facilidade, seguindo as placas indicativas que a Prefeitura espalhou pelas ruas de Nova Olinda. Os forasteiros se apresentaram: eram seis estilistas da marca Cavallera. Depois do “pessoal da cultura”, o “povo da moda” foi conhecer *in loco* o talento de Seu Espedito. A visita rendeu uma coleção de roupas e acessórios de couro, que desfilou com destaque no

19º São Paulo Fashion Week. A marca Cantão também se juntou à freguesia, comprando várias peças do mestre cearense. Quando a demanda sufocou a oferta, no entanto, Seu Espedito não teve dúvida: encerrou a parceria.

– Pra dar de conta tinha que ser uns dez Espedito.

Curvados sobre máquinas de costura, ou em pé, atrás das bancadas de madeira, riscando pedaços de couro com estiletos contundentes, os irmãos, filhos, sobrinhos e noras participam da empresa familiar liderada pelo primogênito de Seu Raimundo. Alheio aos sistemas de gestão mais badalados, o Mestre Espedito se recusa a acertar seu relógio pelo tempo do mercado. Encomendas grandes e prazos apertados são gentilmente rejeitados. E mesmo que esteja ocupado, finalizando algum pedido, quando os turistas descem de suas vans refrigeradas e entram, querendo conhecer o artista por trás daquelas cores todas, Espedito limpa o dedo besuntado de cola e vai fazer sala, demoradamente, às vezes fechando ele mesmo a venda, às vezes só trocando prosa. Se algum desavisado chega em Nova Olinda, e pega a loja fechada, Seu Espedito sai de sua casa,

contígua à oficina, abre as portas, acende a luz, e cria um expediente especial só para o visitante fora de hora. Incansável, o mestre trabalha em suas inovações até na hora do sono:

– Eu vou dormir é com um olho. O outro está pensando.

Criador inquieto, depois da sandália de Lampião, Espedito inventou o par feminino: a sandália de Maria Bonita. Uma de suas bolsas mais vendidas foi batizada em homenagem à Dona Violeta Arraes. Costurando pontos de sela em chinelas de jagonço, tudo encantado por uma paleta de cores vibrantes e bem combinadas, Espedito Seleiro foi buscar em suas memórias de infância os enfeites dos ciganos, juntou a arte dos vaqueiros com a estética dos cangaceiros, incorporou o que achou bonito do design contemporâneo que viu nas passarelas de São Paulo e assim, com essa miscelânea antropofágica, venceu o ultimato que havia se colocado durante a crise do couro, quando ainda dependia do açougue e da boveda para sustentar a família: Espedito conseguiu criar seu próprio estilo.

– Quem tá usando hoje o sapato do vaqueiro é o médico, o padre, o estudante. O vaqueiro quer usar sapato da praça. E os da praça vem comprar sapato de vaqueiro aqui comigo.

Depois de bagunçar toda a lógica do mercado, seu próximo passo é audacioso. E barulhento: entre marretadas, ao lado da loja, os pedreiros derubam um muro velho para erguer as paredes do que será um novo museu em Nova Olinda. Depois do Memorial do Homem Kariri, criado por Aemberg, Espedito quer montar o Museu do Vaqueiro. Além do tijolo e do cimento para as instalações, ele vem angariando peças para o acervo. Entre outras relíquias, conseguiu recuperar um gibão que fizera para um velho vaqueiro, há mais de 40 anos. Com um primo seu, que mora em Missão Velha, trocou seis chapéus novos por um chapéu que vestiu a cabeça de seu avô.

É assim, respondendo aos desafios de seu tempo de maneira profundamente original, que o mestre nos guia por um enredo conhecido: o eterno embaite entre modernidade e tradição. Feita por seu pai, a sandália de couro que Lampião usava para despis-

tar os perseguidores confunde os caminhos. A ida e a volta fazem parte do mesmo movimento. Que rumo devemos tomar? Como nos ensina o Mestre Espedito Seleiro, nessa falsa encruzilhada entre o passado e o futuro, muitas vezes, voltar-se às próprias raízes também é uma forma de seguir adiante.





[creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0)

*Copie e compartilhe livremente este livro, sempre citando o autor.*

*O que não vale é fazer uso comercial, ok?*

[www.antoniolino.com.br](http://www.antoniolino.com.br)